

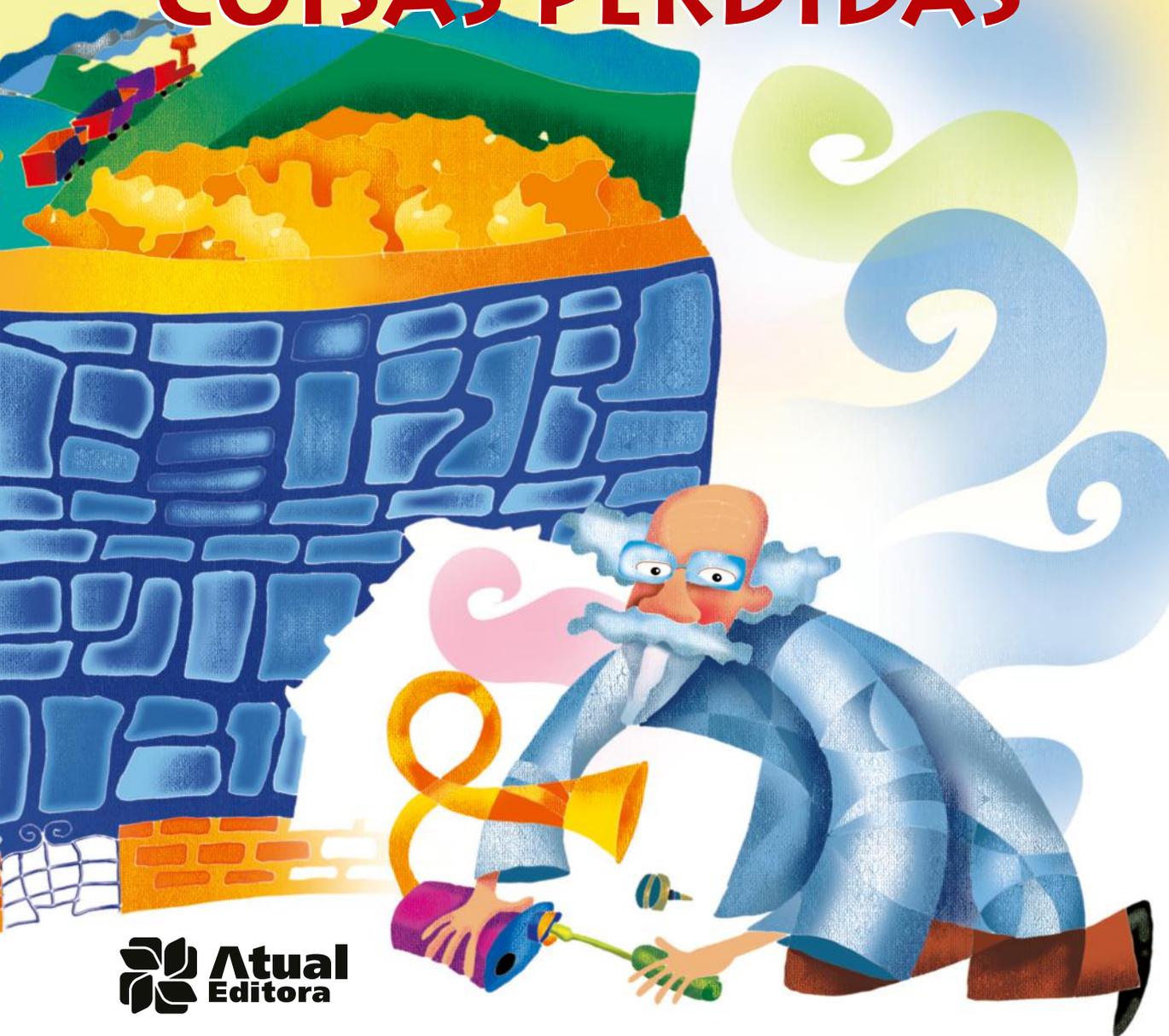
CARLOS AUGUSTO SEGATO

Ilustrações: Marcos Guilherme

12ª edição



# A TERRA DAS COISAS PERDIDAS





CARLOS AUGUSTO SEGATO

Ilustrações: Marcos Guilherme



# A TERRA DAS COISAS PERDIDAS



*Ao Rafael,  
meu sobrinho paulista.*

*E à menina de Minas,  
o Filipe, o Henrique, o Murilo,  
a Thaisa e o Rodrigo,  
dedico este livro.*

12ª edição  
Conforme a nova ortografia



## O MURO É MUITO ALTO...

O quintal da casa do seu Cataventi, o inventor, vivia cheio de correias, engrenagens, peças e ferramentas. Marcelinho não se conformava. Se não fosse tanta tranqueira ali, seria um ótimo lugar para a molecada da rua rodar pião, jogar futebol ou brincar de pique entre as árvores.

Aquela era a última casa da rua Bem-te-vi, que terminava de encontro a um muro muito alto. Era onde começava a curiosidade do mundo. Os mais velhos não deixavam ninguém subir nele porque era perigoso.

O que existia do outro lado?

Nunca contaram às crianças. Nem o pai de Marcelinho, nem o pai do Joel, nem seu Alcides ou seu Giuseppe, ninguém. A rua, com suas dezoito ou vinte casinhas, vinha terminar no muro. A vida, a paisagem, o mundo, tudo terminava naquele muro enorme.

— É melhor não se preocupar com isso — os adultos diziam. — Lá não deve haver nada que nos interesse...



E as crianças? Que vontade de ver o que existia do outro lado daquele muro importante e misterioso!

Dava pra saber que lá havia árvores altas porque a sua copada apontava por cima do muro e alguns galhos pendiam para o quintal do professor. E pássaros também, que vinham pousar nesses galhos. O Joel, um moreninho meio gorducho, amigo inseparável de Marcelinho, jurava que um dia desses tinha visto uma pipa colorida sendo empinada do lado de lá.

— Por que será que é proibido...? — pensava alto Marcelinho, olhando para dentro da oficina.

— Hum... — resmungou o velho inventor, que alguns vizinhos chamavam de “professor”, batendo nervosamente na careca.

Sentado sobre a carcaça de uma lavadora de roupas, Marcelinho partiu uma tangerina e enfiou três gomos de uma só vez na boca.

Imaginou como seria se cada uma das sucatas do velho Cataventi de repente virasse um brinquedo. Aquilo ali ia virar um parque de diversões. E a casa tinha tanta bugiganga e tanta desordem que até os inventos do professor qualquer hora também iam acabar parando no meio do quintal.

Então o menino se lembrou de seus velhos brinquedos perdidos. Duas raquetes de pingue-pongue quebradas, uma bola furada, um caminhão-tanque chamuscado por uma fogueira inventada pelo Joel... Há quanto tempo Marcelinho não ganhava um brinquedo novo?

Diziam que o “professor”, que morava sozinho, era um homem muito distraído. Talvez ele nunca tivesse pensado que atrás daquele muro pudesse existir um mundo de coisas malucas e interessantes. O menino quase entrou na



oficina outra vez, mas lembrou-se de que o professor estava jogando xadrez contra si próprio. E ficava furo de raiva quando alguém o interrompia. Ainda mais naquele dia, que tinha perdido um relógio de estimação...

Ele movimentava uma pedra branca, levantava-se, sentava-se do outro lado da mesa e, então, jogava com as pretas. Às vezes até xingava o adversário, que era ele mesmo. Daí voltava para o lado das brancas, mexia outra pedra, e assim por diante.

Marcelinho não se aguentava e ria com os tapas que ele dava na própria careca quando errava algum lance. E o inventor se zangava ainda mais:

— Não fique aí caçoando de mim, rapazinho! Em vez disso, por que não vai arrumar alguém para jogar comigo?

Bem que Marcelinho queria entender o que fazia aquele amontoado de peças nos quadrados do tabuleiro. Peões, cavalos, torres... Seu Cataventi tinha explicado que era o exército branco em guerra contra o exército preto.

— Qualquer dia eu ensino você a jogar, menino.

— Uma hora o senhor ainda vai encontrar um grande adversário, professor...



## O JOEL E ALGUNS RELÓGIOS

Era o seu grande companheiro. Tirando de lado as conversas meio estranhas, não tinha melhor parceiro do que o Joel para o jogo de taco ou de bolinhas de gude e, além disso, os dois tinham os mesmos 8 anos de idade. Viviam naquele mundo atrapalhado que era o quintal do seu Cataventi. E aí histórias malucas rolavam:

— Marcelinho, hoje eu descobri o que tem lá, atrás daquele muro!

— E o que é que tem?

— Um rio. De um lado, tem um acampamento de ciganos. E do outro, o esconderijo de uns bandidos...

— Ora, você tá brincando!

— Verdade! Eu juro! Eu ouvi meu pai conversando com o seu Giuseppe...

— Tá inventando.

— Bom, não quer acreditar, problema seu. Não conto mais nada.

O Joel era uma parada. Quando queria provocá-lo de verdade, falava do relógio que ia ganhar de presente do seu padrinho. Um relógio que nem o que seu Alcides usava, que tinha até calculadora. Ou como aquele que seu Nonô puxava do bolsinho da calça pela corrente.

Nesse mesmo instante, a voz do inventor explodiu de dentro da oficina:

— Meu relógio! Eu perdi o meu relógio!

— Ih, de novo? — riu Joel, escondido atrás de uma bananeira.

Seu Cataventi também consertava relógios e outras máquinas, além de inventar geringonças que fritavam



pastéis, falavam em alemão ou estendiam roupas nos varais. Só que se esquecia de cuidar do próprio relógio, um Ômega do tempo do seu avô, que ele vivia perdendo.

Da porta da oficina para fora, reinavam Marcelinho e Joel. Como naquela tarde de sol, saltando sobre eixos de automóvel, motores de geladeira ou tubos de televisor abandonados.

Marcelinho espiou outra vez pela fresta da porta do porão. Se o professor Cataventi já tivesse acabado seu jogo de xadrez, então poderia andar à vontade também pela oficina, folhear revistas antigas e inventar novos brinquedos com ripas, arames e canos de plástico.

Foi quando alguém bateu palmas ao portão.

